

Sob fogo cruzado



Após o término “oficial” da guerra, o sentimento geral da população iraquiana era de que as forças de ocupação dos Estados Unidos não faziam nada mais do que se preocupar obsessivamente com sua própria segurança. Para a opinião pública, a presença dos Estados Unidos no país é tão ilegítima quanto o era o regime de Saddam Hussein. Atualmente, é quase unânime entre a população no Iraque a crença de que o governo Bush deseja perpetuar a ocupação militar, com a manutenção do caos, a exacerbação da violência e a promoção de divisões entre o povo iraquiano. Os fatos parecem confirmar essa percepção.

Associação Iraquiana Al-Amal¹
Shiar Yousef

Num país tão complexo quanto o Iraque, é difícil fornecer uma descrição precisa da situação de segurança ou identificar os obstáculos à segurança humana, quando existe uma grave falta de informações e dados estatísticos. A guerra terminou “oficialmente” em 1º de maio de 2003. Porém, desde então, os Estados Unidos e o Reino Unido foram forçados a admitir, em mais de uma ocasião, que a situação de segurança no Iraque continuava “séria”. Por exemplo, uma avaliação da CIA (agência de inteligência dos Estados Unidos) sobre o Iraque alertava que a situação de segurança pioraria em todo o país.

Naturalmente, o termo segurança se referia principalmente à segurança das forças de ocupação e de “ocidentais” em geral. O ministro da Defesa britânico, Geoff Hoon, enfatizava que sua prioridade era a “segurança das forças britânicas” e muitas pessoas do comando das Forças Armadas dos Estados Unidos faziam comentários similares. No entanto, desde o término “oficial” da guerra, a segurança de ocidentais tem significado insegurança para a população local, e a lua-de-mel entre as forças de ocupação e o povo

iraquiano parece já ter terminado porque, entre outras razões, as aspirações locais não foram realizadas e não houve melhoria na vida das pessoas.

Acima de tudo, a manutenção de um alto nível de insegurança tem um impacto negativo sobre a vida de iraquianos e iraquianas comuns, que ficam sem acesso a serviços básicos, especialmente água potável e atendimento à saúde, e cuja segurança pessoal está em perigo quando se aventuram fora de casa para as tarefas mais simples, como fazer compras, ir ao trabalho ou levar as crianças à escola. Um efeito especialmente negativo do medo de seqüestro ou assalto tem sido a restrição à liberdade de movimentos das mulheres e meninas, o que reduz sua possibilidade de freqüentar a escola e comparecer ao trabalho. Além disso, um número considerável de famílias ainda não enviou suas crianças de volta às aulas por causa de ameaças similares nas universidades e escolas.

O atual estado de insegurança também implica um alto risco para as pessoas envolvidas no trabalho humanitário, numa época em que ajuda humanitária é desesperadamente necessária em quase todos os setores. As ameaças incluem a possibilidade de danos físicos, ou mesmo morte, causados por explosões de bombas, fogo cruzado, banditismo, seqüestro de carros e saques. Isso tem tido um efeito negativo na ajuda humanitária e na reconstrução do país.

Muitas ONGs internacionais e agências humanitárias, como a Organização das

Nações Unidas (ONU) e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, mudaram suas sedes operacionais para Amã, capital da Jordânia, e suspenderam alguns projetos no Iraque. Também retiraram do país funcionários(as) estrangeiros(as) e os(as) substituíram por pessoal local, que, na maior parte, não é profissional qualificado. Muitas embaixadas (Espanha, Itália, Austrália etc.) também reduziram seu pessoal internacional, e algumas chegaram mesmo a fechar seus escritórios em Bagdá (por exemplo, Holanda e Bulgária), depois que receberam telefonemas ou cartas ameaçadores e até mesmo ameaças físicas diretas.

Outra dimensão da insegurança são as tensões étnicas – entre as populações árabe e a turcomana, árabe e curda e conflitos entre tribos – que estão crescendo no norte do país, além das tensões que emergem entre as comunidades xiita e curda. Na área de Kirkuk, por exemplo, o Conselho do Distrito de Dibis decidiu demolir 70 casas de famílias árabes, que tinham sido assentadas nessa área pelo antigo regime iraquiano, no programa governamental que tinha como objetivo “arabizar” essa zona rica em petróleo. Ações como essa, embora pequenas e que não recebem muita atenção, podem vir a ter resultados desastrosos e impacto muito grande no equilíbrio das forças sociais do país. Não podemos esquecer que os Estados Unidos tentaram sem êxito, por causa da força da unidade nacional, aumentar as tensões entre xiitas e sunitas, numa tentativa de provocar uma

¹ A Associação Iraquiana Al-Amal é uma associação apolítica e não-sectária de voluntários(as) engajados(as) ativamente em projetos para o benefício e bem-estar da população do Iraque.

guerra civil antes da invasão, assim como apoiaram a população curda de forma abertamente provocadora.

Nesse cenário sombrio, é mais urgente do que nunca assegurar a lei e a ordem pública. O atendimento à saúde é um bom exemplo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou ter recebido relatórios preocupantes de Bagdá, informando que a capacidade dos hospitais foi muito restringida pela ausência de ordem civil e que estava “extremamente preocupada” de que isso pudesse ter impacto sério na saúde e no atendimento médico da capital.

Os seguintes fatos são importantes para a segurança humana no Iraque do pós-guerra:

- mesmo antes dessa guerra, a infraestrutura do Iraque era extremamente frágil por causa de duas guerras anteriores e das prolongadas sanções econômicas, impostas pela ONU desde 1991;
- um total de 16 milhões de civis do Iraque dependem completamente da ajuda alimentar do governo;
- a ONU estima que 5 milhões de iraquianos e iraquianas não têm acesso a água potável e saneamento. A principal fonte de água do país, o rio Tigre, recebe todos os dias meio milhão de toneladas de esgoto não-tratado ou só parcialmente tratado;
- a metade das estações de tratamento de esgoto não funciona, e, entre aquelas que estão trabalhando, um quarto não cumpre os padrões ambientais do próprio Iraque. De acordo com informes do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), somente 45,7% (comparado com 75%, antes da Guerra do Golfo de 1991) dos lares possuem água encanada, dos quais 65% são abastecidos com água não-tratada;
- uma criança em cada oito morre antes de atingir os 5 anos, e a mortalidade de menores de 5 anos aumentou de 56 para cada mil crianças nascidas vivas, no fim da década de 1980, para 131 para cada mil, uma década depois;

- um terço das crianças iraquianas (1 milhão) sofre de desnutrição, que aumentou 160% na última década;
- sete de cada dez mortes infantis são causadas por diarreias ou infecções respiratórias agudas vinculadas à água poluída ou à desnutrição;
- de acordo com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid), havia, antes da guerra, somente 9.400 profissionais de medicina para uma população de 25 milhões.

O custo civil da guerra

Um pouco antes do início das hostilidades, o secretário-geral da ONU afirmava que o uso da força sem o endosso do Conselho de Segurança “não estaria em conformidade com a Carta [da ONU]”. Da mesma forma, muitos especialistas desprezaram o ataque dos Estados Unidos e do Reino Unido como um ato de agressão, que violava a lei internacional. Também apontaram ilegalidades na conduta estadunidense na guerra e violações das Convenções de Genebra pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido, com relação a suas responsabilidades como potências ocupantes. Na verdade, as forças da coalizão cometeram graves violações da Lei Humanitária Internacional, entre elas o uso generalizado de bombas de fragmentação, que tem causado os maiores danos no pós-guerra.

As violações do lado iraquiano durante a guerra não foram menos graves. As forças iraquianas não somente deixaram de tomar medidas adequadas para proteger civis, como seguidamente violaram a Lei Humanitária Internacional, de acordo com o *Human Rights Watch* (Observatório dos Direitos Humanos), ao usarem escudos humanos, minas terrestres antipessoais, emblemas da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, trajes civis e ao instalarem alvos militares em edifícios civis e protegidos (como mesquitas e hospitais).²

O número de vítimas civis é extraordinariamente alto. Além das mortes diretas,

outras perdas incluíram a destruição da infra-estrutura civil já deteriorada, com impacto devastador a longo prazo.

Tendo passado por três grandes conflitos em três décadas, o Iraque ficou muito prejudicado pelo legado dessas guerras. As estimativas do número de minas terrestres no país variam de 8 a 12 milhões, sem incluir bombas, munições não-detonadas e outros resíduos bélicos. A maior parte foi instalada durante a guerra entre o Irã e o Iraque, que ocorreu de 1980 a 1988. Além dessas, muitas minas terrestres, bombas e munições não-detonadas permanecem ativas desde os conflitos internos das décadas de 1960 e 1970, somando-se às da Guerra do Golfo (1990–1991). Alguns desses explosivos remontam à Segunda Guerra Mundial.

Além de serem ameaça à vida das pessoas, as minas terrestres, as bombas e munições não-detonadas são um obstáculo substancial ao crescimento econômico, especialmente em relação à pastagem animal, criação de gado e agricultura. É comum encontrar minas perto de fontes de água ou em terras agrícolas, o que complica as atividades do cotidiano. Os campos minados também dificultam o acesso a muitas estradas importantes, portos, canais de irrigação e centrais elétricas.

Embora representem um perigo permanente, as minas e as bombas de fragmentação não são a maior ameaça imediata para a população. De acordo com a ONG internacional Grupo de Assessoria sobre Minas, a ameaça principal, especialmente ao sul de Bagdá, provém dos grandes arsenais, sistema de armas e locais de lançamento de mísseis que foram instalados pelo antigo regime em áreas residenciais civis. Os saques deixaram esses depósitos expostos e desordenados, e muitas dessas armas são instáveis. Embora os homens adultos e

² Human Rights Watch. *Off target: the conduct of the war and civilian casualties in Iraq*. Nova York: HRW. Dezembro de 2003.

os meninos sejam os que correm mais riscos, esses arsenais e munições são uma grave ameaça para toda a população.

Logo após maio de 2003, era bastante comum a cena chocante de pessoas vendendo armas nas ruas, entre muitos outros objetos. No mercado negro, havia todo tipo de artefato: armas de mão, metralhadoras, granadas etc.

Apesar das campanhas de desarmamento realizadas pelas forças da coalizão, as pessoas no Iraque preferem continuar pesadamente armadas, uma decisão que justificam apontando o clima de insegurança. Não podemos esquecer que o regime baathista de Saddam não se rendeu; retirou-se de Bagdá com muitas de suas melhores armas intactas. Se acrescentarmos a isso o fato de que foram distribuídas à população 6 milhões de armas pelo Partido Baath,^{NT} antes do início da guerra, e que um fuzil *kalachnicov*, de fabricação romena, pode ser comprado no mercado negro de Bagdá por menos de US\$ 20, é fácil imaginar o alto nível de ameaça à vida de civis do Iraque.

Ataques terroristas

Tem havido um aumento contínuo dos ataques contra as forças de ocupação na zona central do Iraque (o triângulo sunita). Na verdade, está aumentando a pressão das forças anticoalizão (basicamente grupos leais ao antigo regime e grupos extremistas), assim como o número de operações bem-sucedidas. As forças da coalizão encontram-se cada vez mais vulneráveis e não têm segurança em nenhuma parte do país. Isso aumenta a tensão da tropa da coalizão, já cansada, o que pode levar a reações impulsivas.

Embora muitos dos incidentes tenham sido isolados e contra indivíduos ou o resultado de ações criminosas comuns, os ataques mais recentes parecem ter sido bem planejados e, cada vez mais, direcionados contra pessoas estrangeiras.

Depois do uso de granadas lançadas por foguetes (RPG, na sigla em inglês) e de morteiros, novos meios de ataque surgiram no último período: caminhões-bomba (especialmente caminhões de lixo) e os chamados “aparatos explosivos melhorados colocados sob veículos” (Uvied, na sigla em inglês). Outra tática consiste em mulheres que carregam explosivos como se fossem bebês e tentam entrar em hospitais. Dois hospitais de Bagdá foram atacados com essa tática no início de novembro de 2003.

Como é óbvio, os carros-bomba, os homens-bomba e as mulheres-bomba, que se tornaram as formas mais comuns de ataque, são também as mais destrutivas. Um dos incidentes mais infames desse tipo foi o ataque à sede da ONU, no qual morreram o representante especial do secretário-geral da ONU, Sérgio Vieira de Mello, juntamente com outros 20 altos-funcionários e funcionárias dessa organização.

Outros tipos de ataque incluem franco-atiradores e assassinatos de autoridades locais iraquianas, assim como ataques às pessoas que “colaboram com a ocupação”, tais como intérpretes. Houve também vários casos de seqüestros, embora pareça que, na maioria desses casos, o principal motivo seja a extorsão.

As pessoas que moram perto das delegacias policiais e das bases das forças da Coalizão são ameaçadas e escolhidas como alvos. No entanto, atualmente têm sido escolhidos novos alvos civis – juizes e funcionários(as) iraquianos(as), fornecedores dos Estados Unidos etc. –, aparentemente por causa de suas relações estreitas com as forças da Coalizão. Também estão sendo atacadas organizações internacionais (escritórios do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, sede da ONU, escritórios do Care Internacional) e instalações civis (hospitais, hotéis, estradas e ferrovias). Na verdade, a crença de que a ONU e algumas ONGs internacionais têm vínculos com as forças da Coalizão pode dificultar o oferecimento de segurança adequada ao pessoal que trabalha para essas organizações.

De acordo com estatísticas publicadas em 6 de novembro de 2003 pelo Comitê de Coordenação das ONGs no Iraque, a distribuição dos ataques era a seguinte: 72% contra as forças da Coalizão, 11% contra a polícia iraquiana, 8% contra instalações governamentais, 2% contra diplomatas, 2% contra a comunidade internacional e 5% desconhecidos. Atualmente, há quase 20 mil fornecedores e empreiteiros privados no país, o que equivale, ou mesmo supera, em números a presença do exército britânico. Além disso, há 132 mil militares dos Estados Unidos e 23 mil de outras nacionalidades.³

Também aumentaram os atentados contra os iraquianos e iraquianas. Em 10 de dezembro de 2003, foram realizadas grandes manifestações em todo o país para condenar o terrorismo. No entanto, cada vez mais pessoas do Iraque se unem a guerrilheiros(as), muitos(as) dos(as) quais sunitas, que anteriormente estavam à margem dos acontecimentos, porém agora acreditam que podem “causar danos corporais” às forças dos Estados Unidos. Munições são facilmente encontradas, o que facilita muito a preparação dos atentados. Também há relatos de maior organização e coordenação entre insurgentes de outras nacionalidades (incluindo membros da Al-Qaeda e do Hezbollah, mas não apenas essas organizações) e membros do regime deposto.

Em busca da governança

Em qualquer país, a responsabilidade principal de atender às necessidades humanitárias e prover segurança é do governo. Um governo iraquiano representativo e responsável garantirá que o povo iraquiano tenha a possibilidade de usar seus recursos consideráveis na construção de um futuro melhor. Até lá, essa responsabilidade é do governo interino que assumiu em

NT Renascimento em árabe.

3 NCCI's *Security Briefs* (No 1-6). Distribuídos pelo Escritório de Segurança do Comitê de Coordenação das ONGs no Iraque, Bagdá.

28 de junho de 2004. No entanto, o imperativo de derrotar o governo de Saddam Hussein e localizar e desativar as armas de destruição em massa (nunca encontradas) absorveu inicialmente todas as energias e criou um vácuo de segurança em nível local. O policiamento e a segurança locais dificilmente seriam prioridades para militares dos Estados Unidos, e a derrubada do governo deixou o Iraque com pouca capacidade de atuação policial. Isso tem criado instabilidade em nível local, bloqueando a ajuda efetiva e os esforços de reconstrução. Como consequência, civis não desfrutam de proteção adequada e não conseguem recorrer à lei quando seus direitos são violados.

A falta de infra-estrutura funcional significa que serviços essenciais não estão sendo fornecidos, o que tem um efeito especialmente devastador sobre as pessoas mais vulneráveis. As necessidades de reconstrução são enormes, depois de 20 anos de abandono e corrupção na infra-estrutura econômica, ambiental e de serviços. Além disso, os recursos públicos eram gastos com as Forças Armadas e para manter o antigo regime no poder. Por último, o país sofreu o impacto avassalador dos conflitos armados e das sanções internacionais que levaram a uma deterioração do padrão de vida do povo iraquiano. O término do programa Petróleo por Alimentos e a conseqüente transição para o Sistema de Distribuição Pública é um exemplo claro dessa situação. Como quase a metade da população era totalmente dependente da ajuda governamental, há preocupações sérias de que essa mudança tenha um impacto negativo muito forte sobre as famílias pobres, aumentando a desnutrição e possivelmente causando mortes por fome.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial estimam que a economia iraquiana encolherá 22% em 2004, comparado com 21% em 2002 e 12% em 2001. A renda média *per capita* caiu de US\$ 3.600 em 1980 para US\$ 530 no fim de 2003. Ainda de acordo com essas ins-

tuições, diminuirá ainda mais em 2004. O ministro da Fazenda, Ali al-Kelani, mencionou, na última reunião do Fórum Internacional em Dubai, que o déficit orçamentário de 2004 poderia atingir US\$ 600 milhões, assinalando que cerca de 500 mil funcionários(as) públicos(as) não recebiam seus salários.

O Banco Mundial informou que, mesmo se a comunidade internacional oferecesse durante os próximos quatro anos US\$ 35 bilhões, valor calculado para a reconstrução do Iraque (outras estimativas variam de US\$ 50 bilhões a US\$ 75 bilhões), não seria possível aplicar mais do que US\$ 5 bilhões, por falta de capacidade institucional do Estado iraquiano. No entanto, essa avaliação das necessidades da reconstrução não incluía itens como cultura (a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura/Unesco realizou uma avaliação própria), meio ambiente, direitos humanos, segurança etc.

O desemprego é o maior problema atual da economia iraquiana. Dados do Ministério do Trabalho mostram que 12 milhões de pessoas estão sem emprego no país. Esse número representa cerca de 50% da população iraquiana (de 24,5 milhões), ou seja, metade está desempregada ou tem somente empregos de meio expediente. Vale destacar que 30% da população tinha empregos públicos antes da guerra. De acordo com o então representante do ministro do Trabalho no Conselho de Governo, Nouri Ja'far, a principal razão para as altas taxas de desemprego era a dissolução do Exército e das forças policiais, assim como o congelamento das alocações dos ministérios e instituições governamentais.

O sentimento atual entre o povo iraquiano é de que as forças dos Estados Unidos não fazem nada mais do que se ocupar obsessivamente com sua própria segurança. Para a opinião pública, a inércia dos Estados Unidos tornou-se inevitavelmente associada ao regime de Saddam: sua presença é ilegítima, vivem em abrigos for-

tificados, dedicados exclusivamente a seus próprios interesses egoístas e, quando confrontados com dissidências, reagem com a força bruta. Atualmente, é quase unânime entre o povo iraquiano a crença de que o governo Bush deseja perpetuar a ocupação militar, por meio da manutenção do caos, da exacerbação da violência e da promoção de divisões entre cidadãos e cidadãos iraquianos. Os fatos parecem confirmar essa percepção.

O longo caminho da recuperação

Vemos a segurança nacional e a segurança humana como dois lados da mesma moeda. Nenhuma delas ameaça a estabilidade global, porém cada uma implica um sofrimento humano inaceitável. Em consequência, o apoio para restabelecer a sociedade civil é de importância vital para o desenvolvimento de um Iraque estável e seguro, o que inclui, principalmente, o respaldo à capacitação das ONGs iraquianas.

Diferentemente do que ocorre no Afeganistão, existem pouquíssimas ONGs e agências da ONU fora de Bagdá, especialmente nas áreas do sul e do centro do Iraque. Tal fato causa dificuldades extremas ao fornecimento de ajuda humanitária a populações vulneráveis. Além disso, muitas ONGs ainda reclamam que as restrições de licenciamento dos Estados Unidos impedem que as agências possam dar uma resposta humanitária adequada. Essas organizações acreditam que as forças militares não devem se engajar em assistência humanitária, a menos que não haja outra forma de enfrentar necessidades vitais da população, e que a ajuda e os esforços de reconstrução devem passar às mãos das autoridades civis o mais rapidamente possível, para assegurar uma ação humanitária imparcial.

A operação Liberdade Iraquiana, como foi chamada a invasão e a ocupação do Iraque pelos Estados Unidos e seus parceiros da Coalizão, representou um novo enfoque para a ação humanitária no pós-guerra. Essa abordagem unificou seguran-

ça, governança, resposta humanitária e reconstrução sob o controle do Departamento de Defesa. A ação humanitária tem um caráter unilateral e está vinculada intrinsecamente à agenda de segurança dos Estados Unidos, no contexto da guerra global contra o terrorismo. Das agências da ONU e das ONGs, que tradicionalmente coordenam e implementam a assistência humanitária e os programas de reconstrução do pós-guerra, esperava-se que cumprissem um papel de apoio, dentro de um esforço administrado pelo Pentágono.

Diante das enormes dificuldades enfrentadas por esse processo centralizado pelo Pentágono, as autoridades estão finalmente procurando a ajuda da ONU e das ONGs. O problema é que, em todo país, os papéis e as responsabilidades estão sendo definidos de forma improvisada, diante das imensas dificuldades práticas, no lugar de terem sido anteriormente planejados de forma conjunta.

Com a esperança de eliminar o medo e restaurar a sensação de segurança do povo iraquiano, várias ONGs locais e internacionais começaram a assumir essa responsabili-

de. De fato, as ONGs estão avançando de forma significativa em termos de segurança em comparação com experiências anteriores. Por exemplo, vêm realizando tentativas sem precedentes para monitorar e denunciar violações do direito internacional humanitário, têm compartilhado informações sobre segurança, divulgado avisos de segurança etc. Entretanto, essas ONGs não têm a capacidade de arcar com todas as responsabilidades que a ONU não pôde assumir, nem cumprir o mesmo papel do governo na reconstrução do país. ■